

## Uma tradução de “Nada de não ficção: PL2658.E8”, de Emily Goedde\*

Livia Lakomy\*\*

**RESUMO:** O autora e tradutora do chinês Emily Goedde, ao editar a revista *91<sup>st</sup> Meridian* para Universidade de Iowa, em 2008, deu espaço para investigações sobre as intersecções entre tradução e não ficção literária. Da sua parte, abordou o tema no ensaio “nada de não ficção: PL2658.E8”, em que mostra como a ausência da não ficção clássica chinesa no mundo da tradução serve como base para compreender como a própria China atual era vista no mundo literário. Traduzimos aqui o ensaio de Goedde. Segue-se uma breve entrevista com a autora em que ele explica em mais detalhes alguns pontos levantados pelo texto.

**Palavras-chave:** tradução; não ficção; literatura chinesa.

**ABSTRACT:** Author and translator from Chinese, Emily Goedde, while editing the *91<sup>st</sup> Meridian* for the University of Iowa, in 2008, gave space for contributors to explore the intersections between literary translation and nonfiction. She approached the topic herself in the essay “No Nonfiction: PL2658.E8”, in which she took classic Chinese nonfiction and its absence from translation as a basis to show how China itself was perceived in literature. We bring Goedde’s study for the first time into Portuguese. A brief interview with the author follows, in which she explains some of the issues raised in her essay.

**Keywords:** translation; nonfiction; Chinese literature.

### Apresentação

Em 2008, a tradutora americana Emily Goedde cursava um *Master of Fine Arts*, ensinava workshops de tradução e dava aulas de retórica na Universidade de Iowa. Ao mesmo tempo era co-editora da revista *eXchanges*, o jornal online de tradução literária da Universidade e trabalhava no projeto “*Heartbreak: Translation of the Poetru of Zhu Shuzhen*”. Seus interesses, portanto, voltavam-se primariamente à tradução da poesia – em particular da poesia chinesa, uma vez que havia feito sua graduação em Estudos Asiáticos e morado por dois anos em Xangai. Tal foco em seus estudos continuaria com seu PhD em Literatura Comparada pela Universidade de Michigan com a tese “*The Sound of Bombs – Translating Chinese Poetry from the Second World War*” mas, durante seu mestrado em Iowa, foi também ampliado para incluir uma outra forma de criação literária: a não ficção.

---

\* Publicado originalmente em: <https://IWP.uiowa.edu/91st/vol6-num1/no-Nonfiction-pl2658e8-0> em 2008.

\*\* Possui formação em Nonfiction Writing and Literary Translation (Columbia University) e Estudos da Tradução (Universidade de São Paulo).

Um termo já conhecido nos Estados Unidos, a não ficção é ainda uma maneira incipiente no Brasil de se descrever a forma de criação em que o estilo e técnicas literárias se encontram com a preocupação em retratar uma realidade. Ensaios, jornalismo literário, biografias, filosofia, relatos de viagem, etc. – todos exemplos inclusivamente classificados como não ficção nos EUA mais ainda vistos como gêneros separados no Brasil. Esta se trata, claro, de uma definição um tanto simplista do que é a não ficção, ainda mais considerando que a sua própria natureza – sua abrangência, sua nomenclatura, seu compromisso com os fatos e mesmo o que pode ser considerado “real” – é tema amplamente discutido na academia e fora dela. Na verdade, em poucos lugares a natureza da não ficção é tão discutido quanto na Universidade de Iowa em que Emily Goedde fez seu mestrado em tradução literária, sendo esta Universidade vista como um espaço confrontador e de vanguarda no ensino da não ficção.

O ambiente criativo da Universidade de Iowa – como Goedde nos conta em sua entrevista abaixo – foi fundamental para que a não ficção passasse a figurar entre seus interesses acadêmicos e criativos junto da tradução. O Iowa Writers' Workshop, nome pelo qual é conhecido o programa de escrita criativa em ficção e poesia da Universidade, é talvez o mais célebre e considerado como o melhor dos Estados Unidos, tendo começado em 1936 e formado inúmeros autores (entre eles estão dezessete vencedores do Prêmio Pulitzer e seis poetas laureados). Foi um dos pioneiros no método de ensino no estilo workshop (oficinas) literárias, que estimula a crítica dos textos dos alunos pelos próprios alunos. Foi neste ambiente que se criou, posteriormente, o curso em Tradução Literária – também o primeiro modelo de workshop de tradução no país, com mais de meio século de tradição – e o de Não Ficção Literária, com quarenta anos de história.

É interessante notar como o processo do workshop, embora não priorize a teoria, acabou por criar novas maneiras de se pensar a criação literária a partir da prática. O tema é levantado por Edwin Gentzler (1993) quando fala do workshop de tradução no estilo americano como sendo uma contribuição única em que se é possível ver em primeira mão a mente de um tradutor enquanto ele trabalha e retrabalha o texto, tomando suas decisões e acompanhando todo o processo, o que ele descreve como “o mais negligenciado ramo da teoria da tradução”. (GENTZLER, 1993, p. 41) (tradução nossa). Diz também o autor sobre os workshops:

O que emerge, então, da contribuição americana para a teoria da tradução literária contemporânea é menos articulado, coerente e racional e mais como uma nova gama de questões. A contribuição vê as traduções menos em termos de identidades e equivalências e mais em termos de associações da linguagem, etimologias e ressonâncias que poderiam ser normalmente vistas ou ouvidas se não fosse pela sua tradução. O processo geralmente proposto [do workshop] envolve se levar por um tipo de “outra” voz, ouvir a energia da linguagem e permitir que associações secundárias, marginalizadas e esquecidas venham à tona, que então dão profundidade e ressonância às versões traduzidas. (GENTZLER, 1993, p. 40) (tradução nossa)

Certamente a Universidade de Iowa contribuiu para tal processo de tornar o workshop um método não apenas aceitado, mas estudado e compreendido como uma forma legítima de criar e traduzir. Embora na Universidade cada curso funcione em seu departamento, tornou-se natural no campus e na própria cidade de Iowa City que os alunos das diferentes concentrações (entre elas a tradução e a não ficção) interagissem

com frequência. Como coloca o diretor do curso de tradução na época, Russel Valentino, em entrevista sobre o período em que foi diretor do curso de tradução em Iowa e Goedde foi sua aluna:

Havia uma importância da comunidade e do pensamento institucional neste contexto de gerar certos caminhos teóricos, mas que também dependem dos indivíduos. Robin Hemley e eu somos amigos próximos – ele era responsável pelo programa de não ficção e eu o de tradução. Conversávamos bastante e fizemos alguns workshops juntos e viagens internacionais para os alunos. Eles interagiam bastante e faziam leituras juntos. Sei que pelo menos um casamento surgiu disso... Era uma comunidade bem próxima com muitas ideias circulando. (VALENTINO, 2018)

Natural, portanto, que durante seu período em Iowa, Goedde fosse influenciada pelos workshops em seu método de traduzir e fosse também despertando um interesse pela não ficção literária. Talvez o exemplo mais claro tenha sido ao auxiliar a organizar eventos como a conferência *NonfictionNow!* em 2007 – um evento para autores de não ficção em que Goedde propôs um painel intitulado “*Truth in Other Tongues*”, formado apenas por tradutores para que estes pudessem falar sobre o tópico especial da tradução de não ficção. Este painel no evento *NonfictionNow!* foi um dos marcos iniciais do pensamento conjunto entre não ficção e tradução na academia americana.

Outro marco foi um painel na conferência AWP (*Association of Writers and Writing Programs*) de 2007, em que Brian Goedde – então do programa de não ficção da Universidade de Iowa e marido de Emily – apresentou sua proposta em um evento intitulado “*Toward a Theory of Slippery Nonfiction*”. Seu projeto, depois publicado em forma de ensaio por uma revista de não ficção, chamava-se “*Nonfiction is Translation*”. Como veremos na entrevista, a ideia do Brian Goedde da não ficção as ideias de Emily Goedde acerca da tradução se influenciaram mutuamente.

Se os dois painéis dos quais Emily e Brian Goedde participaram foram marcos iniciais, talvez o registro mais importante desta época tenha sido um número da revista *91st Meridian*, em 2008, que teve Emily Goedde como editora convidada. Foi nesta revista que se consolidaram as ideias que estavam sendo levantadas em workshops, conversas, leituras e conferências, mas ainda sem terem sido compiladas. A edição da revista conta com a participação de vários autores convidados a pensar sobre não ficção e tradução, bem como uma introdução e um ensaio escritos por Emily Goedde.

É neste ensaio, aqui traduzido e publicado pela primeira vez em outro veículo que não a revista em que foi originalmente lançado, que Goedde retoma a não ficção chinesa clássica como base para compreender a tradução (ou a falta de tradução) da não ficção chinesa atual e suas implicações no mundo literário. Goedde parte de um caso específico (*por que não há mais não ficção traduzida do chinês para o inglês?*) para tecer outros comentários mais importantes e gerais para qualquer língua e cultura: qual é a importância de se traduzir não ficção? Como fazê-lo da melhor forma? Como a tradução e a não ficção – juntas – podem nos ajudar a compreender melhor o mundo?

O ensaio de Goedde é particularmente ilustrativo por se tratar de um caso exemplar de não ficção, ou seja, utiliza-se de técnicas literárias para nos retratar uma realidade. Já no início, somos chamados para a leitura com a figura do antigo Confúcio em uma livraria moderna, passeando pela seção de não ficção. Certamente é uma imagem mais forte no original, uma vez que é comum aos leitores americanos já se depararem com uma mesa inteira dedicada a “*nonfiction*” assim que entram na livraria. Imaginar um sábio chinês que viveu cinco séculos antes de Cristo passeando entre livros

de blogueiros e empresários é realmente uma imagem chamativa. Igualmente chamativo é o uso que Goedde faz da famosa rede de livrarias “Barnes and Noble” (amplamente difundida nos EUA, mas cujo nome é possivelmente menos conhecido para leitores brasileiros), com um anacronismo bastante ilustrativo. É uma imagem que estabelece as diferenças da não ficção americana atual para a não ficção chinesa antiga tanto no tempo quanto no espaço e abre caminho para a sua tese, que será reforçada através de uma outra técnica da não ficção: o relato em primeira pessoa.

Contando de sua experiência em Xangai, Goedde nos fala da sua história, mas também nos convida para que pensemos na nossa, nas pessoas que nos cercam e no espaço que habitamos – ela nos puxa para a nossa própria não ficção. Através destes recursos, fica claro seu argumento: estes olhares são importantes. Esta realidade merece ser escrita – e traduzida.

A importância da tradução deste ensaio torna-se clara assim que entendemos que não é necessário lê-lo tendo apenas em mente a pergunta: *por que não há mais não ficção traduzida do chinês para o inglês?* É bem possível substituir tal pergunta por: *por que não há mais não ficção traduzida do português para o inglês (ou francês, alemão, chinês)?* Ao mesmo tempo, invertendo os polos, podemos perguntar por que nós, leitores brasileiros, não temos o acesso à não ficção de outros países? *Por que não há mais não ficção traduzida do chinês (ou árabe, hindi, swahili) para o português?* Uma vez que passamos a entender a não ficção como uma forma de expressar o mundo, percebemos a necessidade da sua tradução – tão forte quanto a de outras formas de criação como a ficção e a poesia – como parte essencial de transmitir uma cultura.

O ensaio de Goedde para a *91st Meridian* é um sinal de que o assunto está, aos poucos, começando a ser tratado nos EUA. No Brasil, onde o próprio termo não ficção ainda é menos conhecido da academia e do público, sua tradução e publicação é um passo – ainda que tímido – em direção a discussão da tradução literária e da não ficção, vistas em suas intersecções.

Segue-se à tradução do ensaio “Nada de não ficção: PL2658.E8”, de Emily Goedde, uma breve entrevista com a autora, realizada em dezembro de 2017, em que ele esclarece em mais detalhes alguns pontos levantados pelo texto.

## 1. A Tradução

Se Confúcio estivesse vivo hoje, seria mais provável encontrá-lo numa livraria consultando a seção de não ficção do que a de ficção. Na verdade, na coleção da sua obra, o Lun Yu (論語) ou *Analectos*, fica claro que ele considerava que dizer e escrever a verdade, observando e pesquisando o que é e o que veio antes, é algo vastamente superior à invenção. De acordo com o capítulo 7, versículo 1, "o Mestre [Confúcio] disse, 'eu transmito mas não inovar; eu sou sincero no que digo e dedicado à antiguidade...'" (tradução de D. C. Lau<sup>1</sup>). O início do capítulo 7 versículo 27 afirma, "O Mestre disse, 'presume-se que há homens que inovem sem possuir conhecimento, mas eu não possuo esse defeito. Eu uso meus ouvidos amplamente e sigo o que é bom naquilo que eu ouvi; eu uso meus olhos amplamente e retenho o que vi em minha mente...'" (D. C. Lau). Dadas estas observações e considerando que maneira de obter fortuna e fama na China era ser capaz de escrever ensaios e (às vezes) poesia para exames imperiais, a cultura chinesa chegou a valorizar poesia e não ficção acima da ficção e do drama.

---

<sup>1</sup> A tradução de D.C. Lau foi feita do chinês para o inglês e utilizada por Goedde, mas aqui manteve-se a menção como parte da literariedade do texto e sua preocupação em citar os nomes dos tradutores sempre que possível. Tradução para o português nossa.

O subgênero da não ficção mais apreciado na China de Confúcio foi a historiografia, mas existiam muitos outros tipos. Coleções de miscelânea, por exemplo, não tão diferentemente de suas contrapartes europeias, eram populares. Elas incluíam observações sobre poesia, antiguidades, objetos de arte e belas paisagens. Outras formas, mais distantes de seus equivalentes ocidentais, também eram comuns. Assim como a China não tem uma tradição épica, por exemplo o Ocidente não tem o *fu* 賦, uma espécie de poema em prosa ou rapsódia escrita em uma prosa paralela profundamente estilizada, que pode ser considerada uma prima muito distante do ensaio lírico ou do poema em prosa. Outro parente distante, o ensaio de oito partes, *baguwen* 八股文, um estilo de prosa altamente formalizada que era um componente crucial dos exames imperiais nas dinastias Ming e Qing, lembra vagamente a redação de cinco parágrafos.

Apesar desta rica tradição, além dos textos filosóficos (contei 33 traduções para o Dao De Jing) muito pouco de não ficção literária foi traduzida do chinês para o inglês. Na biblioteca do Congresso, por exemplo, a coleção de David Pollard *The Chinese Essay*, a única coleção publicada em inglês até então que inclui obras-primas pré-modernas e modernas desta forma literária chinesa, é arquivada sob o número PL2658.E8, um número que indica a prosa traduzido para o inglês do chinês. Procurando por obras com o mesmo número de chamada achei outras 101 catalogadas; apenas cinco eram obras de não-ficção – o resto era ficção. Dos 20 relatos de viagem sobre a China, a única obra traduzida foi feita a partir do tibetano e não do chinês. Todo o resto foi escrito por aventureiros anglófonos ou missionários.

Então, se a tradição de não ficção na China é tão importante e rica, por que é tão pouco traduzida para o inglês?

A resposta fácil é a de que não existe um mercado para isso. Outro argumento é que o conteúdo é muito obscuro, sendo distanciado por ambos o tempo e a cultura. David Pollard contesta que não há muita não ficção traduzida porque não existem muitas pessoas interessadas em traduzi-la. Ele acredita que isso vem de um preconceito ocidental contra o ensaio, que sofre de uma falta de "prestígio". Gostaria de saber se isso também pode ter a ver com o fato de que a não ficção chinesa não corresponde sempre com nossas expectativas para o gênero, com base em como ele se manifesta em inglês.

Isto demanda a pergunta: A não ficção chinesa precisa ser traduzida?

Eu posso abordar melhor esta questão com uma anedota pessoal. Neste último verão li um ensaio escrito por um dos mais respeitados ensaístas e críticos culturais contemporâneo da China, Yu Qiuyu. Chama-se "Pessoas de Xangai" e, como o título sugere, seus habitantes são o tema deste ensaio pessoal astutamente escrito. Eu vivi por pouco mais de dois anos em Xangai e era amiga de muita de gente interessante do lugar, mais notavelmente de Pangpang, namorado do meu bom amigo, que sonhava em ser uma estrela de rock e crítico cultural. Eu vivia no centro de Xangai em uma velha mansão ocidental convertida e compartilhava minha cozinha e quintal com uma variedade de famílias chinesas e senhoras idosas. Eu passei muito tempo com todas essas pessoas. Comemos juntos, bebemos juntos, servimos de babás dos periquitos de estimação uns dos outros. Me perguntavam três vezes por dia se eu já comido e gritavam comigo quando eu queimava coisas na cozinha. Alguém roubou minha roupa de baixo e outra pessoa desligou meu fusível quando eu fiquei com hóspedes barulhentos até tarde. Apesar destas interações diárias e amizades próximas, o ensaio de Yu Qiuyu me abriu os olhos.

Por que?

Acho que por que uma compreensão adequada do que a China é só pode ser acessada através de várias camadas de experiência. Tal como acontece com qualquer fenômeno complexo, há uma necessidade de múltiplas representações. A minha China, juntamente com a China descrita por escritores de língua inglesa é apenas uma compreensão limitada de um lugar com infinitas variáveis. Sem acesso a muitas narrativas diferentes por vários tipos de escritores, a China – e até mesmo Xangai – mal podem ser compreendidas.

Sem um corpo de obras saudável de não ficção escrita sobre a China, traduzido do chinês para o inglês, os leitores anglófonos terão uma capacidade menor de compreender a China e sua cultura. Então por que os tradutores evitam este grupo de obras? Eu tenho algumas ideias. Até recentemente, o ocidente classificava a não ficção como uma cidadã de segunda classe e sob termos bastante estreitos (principalmente orientados para ensaios argumentativos e livros de memórias de pessoas notáveis). Isto levou a uma falta de imaginação sobre como a não ficção literária chinesa pode ampliar os limites de sua homóloga em inglês. Também houve, alguém poderia sugerir, um desejo subconsciente de deixar a exótica China como poética e estrangeira, daí a prevalência de versões em inglês de poesia chinesa e contos daquilo que nos é curioso. Mas certamente na paisagem cultural atual, onde há um interesse no estrangeiro e especialmente na China, exista a curiosidade de ouvir as várias vozes da China. Talvez, agora, a escassez de não ficção chinesa em inglês possa ser abordada.

## 2. A Entrevista

Entrevista realizada com Emily Goedde em dezembro de 2017, editada e condensada para maior clareza:

*Pergunta: Como surgiu a ideia para esta edição especial da revista 91<sup>st</sup> Meridian, em 2008? Quais eram as conversas na Universidade de Iowa que propiciaram esta publicação tratando de tradução e não ficção?*

EG: A ideia da revista surgiu de um painel que nós organizamos chamado “*Truth in Other Tongues*” na conferência “*NonfictionNow!*”. Parecia, para mim – lembrando que a conferência era para autores de não ficção – que seria interessante contribuir para a conversa sobre traduzir a não ficção. Então juntei um grupo de tradutores e propusemos o painel. O que me pareceu interessante era que muitos de nós ou traduzimos ficção ou traduzimos poesia e não ficção, então nós fomos para este último lado.

Penso que quando nós, tradutores e autores de não ficção, nos juntamos, muitas das nossas perguntas e questões são as mesmas. Me pareceu interessante colocar estas questões lado a lado, e é isso que coloquei na introdução da revista.

Especialmente nos dias de hoje, as ideias de verdade e representação são coisas sempre à tona. Brian [Goedde]<sup>2</sup> e eu percebemos que eram coisas debatidas na tradução, mas que quase não eram discutidas na não ficção. Ele pensou que as questões dos estudos da tradução, questões teóricas que eram provocadas pelas políticas da traduzir através de línguas e culturas, não eram levantadas da mesma maneira mesmo quando as pessoas escreviam sobre outras culturas e lugares. Talvez o mesmo pensamento crítico não estivesse sendo usado na não ficção. Então nos ocorreu que seria interessante tentar juntar estes dois gêneros e enriquecer nossas conversas nos programas de tradução e de não ficção.

*Pergunta: E quais foram algumas das coisas que você percebeu ao exercitar esse olhar?*

---

<sup>2</sup> Autor e mestre em não ficção pela Universidade de Iowa.

EG: Quando eu obtive o meu PhD, eu comecei a trabalhar com poesia ao invés de não ficção, pois meu orientador era dessa área. Na época em que eu trabalhava na parte teórica eu me focava bastante na política de traduzir do chinês para o inglês. Um dos livros de referência que eu usei se chamava “*Transpacific Displacement*” e achei muito interessante, tratava de como muitos americanos traduzem a cultura chinesa como uma espécie de ideia, da imagem/ideograma para o inglês e, nesta maneira, o que eu descobri era que estes tradutores estavam pegando estes textos – seja poesia, ficção ou não ficção – e criando a sua própria ficção sobre eles em inglês.

Era uma espécie de texto teórico que pensava em como algo pode ser uma coisa na sua língua de partida, mas se transforma em uma outra verdade nas línguas de chegada. É uma maneira interessante de pensar em como os tradutores podem criar. Nós temos uma ideia de como a literatura chinesa deve ser, então criamos uma... não é nem mesmo uma ficção, mas uma não ficção sobre a China. Exceto pelo fato de que é uma ficção.

*Pergunta: No seu próprio ensaio você menciona como há pouca não ficção sobre a China em tradução – apenas um livro e foi traduzido do tibetano. O resto da não ficção já foi toda produzida em inglês.*

EG: Exatamente. E penso que parte da razão pela qual isso é possível é pela falta da tradução de não ficção. Penso que estão relacionadas. Não acho que poderíamos ter criado este mito sobre o que é a literatura chinesa ou o que é a China se não tivéssemos... se autores não tivessem um interesse em perpetuar essa ideia.

Outra parte interessante disso tudo é, pensando a partir do contexto chinês, que os textos são traduzidos por pessoas que não falam a língua. São mais como autores literários que trabalham com alguém que fala chinês, então traduzem uma interpretação que é mais removida. Acho que é exacerbado também pelo fato de que o autor nem sempre tem um conhecimento muito profundo do chinês.

*Pergunta: É um ponto interessante: a importância tanto da tradução quanto da não ficção em nos ajudar a entender uma cultura.*

EG: Certamente. Às vezes em menor grau quando as pessoas trabalham em línguas europeias, por exemplo, mas quanto mais longe você vai mais profundas ficam estas questões.

*Pergunta: Em relação ao seu ensaio, “Nada de não ficção”, você usa Confúcio como um gancho para falar desses temas de tradução e não ficção. Como surgiu a ideia para o ensaio e a dicotomia Leste x Oeste na abordagem?*

EG: Começou na biblioteca. Eu queria ver que tipo de não ficção chinesa havia sido traduzida e não tinha quase nada. Comecei a pensar que, se Confúcio, que foi uma espécie de pai da não ficção na China viesse ver a biblioteca... só ia encontrar só aqui traduzido e mais nada! E daí, vendo os livros de não ficção americana ali do lado, para ele aquilo seria não ficção *light*. Foi daí que surgiu a ideia para o início do ensaio.

## REFERÊNCIAS

AWP – Association of Writing Programs. 2007 Conference. F125. Toward a Theory of Slippery Nonfiction. (Phillip Lopate, Abigail Thomas, Bonnie J. Rough, Robin Hemley, David Shields, Brian Goedde). Ementa disponível em <<https://www.awpwriter.org/application/public/pdf/conference/2007/2007Schedule.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

GENTZLER, Edwin. *Contemporary Translation Theories*. Routledge. 1993. New York, NY.

GOEDDE, Brian. *Nonfiction is translation*. Disponível em: <[https://www.creativenonfiction.org/brevity/craft/craft\\_goedde.htm](https://www.creativenonfiction.org/brevity/craft/craft_goedde.htm)>. Acesso em: 01 out. 2016.

GOEDDE, E. No Nonfiction: PL2658.E8. *91<sup>st</sup> Meridian*, Iowa City, v. 6, n.1, primavera 2008. <https://IWP.uiowa.edu/91st/vol6-num1/no-Nonfiction-pl2658e8-0>. Acesso em 21/11/2017.

HUANG, Y. *Transpacific Displacement: Ethnography, Translation, and Intertextual Travel in Twentieth-Century American Literature*. University of California Press, 2002.

UNIVERSITY OF IOWA LITERARY TRANSLATION PROGRAM. <https://clas.uiowa.edu/dwllc/mfa-literary-translation/home>. Acesso em 28/03/2018.

UNIVERSITY OF IOWA NONFICTION PROGRAM. <https://english.uiowa.edu/graduate-program/mfa-nonfiction-writing>. Acesso em 28/03/2018.

UNIVERSITY OF IOWA WRITER'S WORKSHOP. <https://writersworkshop.uiowa.edu/about/about-workshop>. Acesso em 28/03/2018.

VALENTINO, Russell S. Entrevista concedida em janeiro de 2018.

Data de envio: 22-03-2018

Data de aprovação: 02-07-2018

Data de publicação: 15-08-2018